

'Bancada da ira' aguarda novo presidente

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

De Collor a Roseana, políticos ressentidos têm chances de assumir o Senado em 2003

SILVIO BRESSAN

Caso as eleições confirmem as pesquisas feitas até agora, uma verdadeira tropa de choque poderá invadir o Senado no próximo ano. São políticos polêmicos, temperamentais e ressentidos, que amargaram uma derrota proporcional ao poder que um dia já tiveram. Desde o ex-presidente Fernando Collor (PRTB-AL), que sofreu impeachment em 1992, até a ex-governadora Roseana Sarney (PFL-MA), aliada da disputa presidencial em março deste ano, todos têm motivos de sobra para sonhar com uma desforra. Querem recuperar o prestígio e, talvez, vingar-se de seus algozes. Isso também vale para quem fica, como os senadores Jorge Bornhausen (PFL-SC) e José Sarney (PMDB-AP), também atingidos no escândalo que acabou com a candidatura Roseana.

A vindita pode começar na própria trincheira da "bancada da ira", que reúne também os ex-senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Jader Barbalho (PMDB-PA). No ano passado, eles perderam os mandatos após uma luta autofágica no Senado. Com o empurrão de Jader, que era presidente da Casa, ACM renunciou ao mandato após um escândalo sobre a violação do painel de votações. ACM não desistiu até ver Jader também renunciar por causa das denúncias sobre a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e o Banco do Estado do Pará (Banpará).

ACM DEVE MONTAR TRINCHEIRA DE OPOSIÇÃO

Agora, os dois preparam a volta à arena. Na Bahia, ACM lidera a disputa pelo Senado, com 63% na pesquisa do Ibope, em abril. Ele jura, porém, que ainda não traçou estratégias, como a volta à presidência do Congresso. "Não posso antecipar como vou agir antes mesmo da eleição, de saber quem será o novo presidente e as circunstâncias

políticas", afirma. Pelas atitudes mais recentes de ACM, não é difícil adivinhar que sua trincheira será de oposição. Com

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nunca houve afinidade. Com José Serra (PSDB), ficaram menores depois do escândalo da Lunus. Assim como a cúpula do PFL, o senador culpou Serra e forçou para que o partido abandonasse o governo FHC.

Chão – Portanto, o mais provável é que ACM comande uma bancada opositora. Com ele deverão estar o ex-governador da Bahia, César Borges (PFL), segundo na corrida para o Senado, e Rodolfo Tourinho (PFL), suplente de Paulo Souto (PFL), que lidera as pesquisas para o governo baiano. Para o cientista político da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Albino

Rubim, ACM terá agora muito mais trabalho. "Dificilmente ele voltará à presidência do Congresso", arrisca. "As circunstâncias que o levaram ao poder nacional são completamente diferentes." É a mesma opinião do cientista político Gaudêncio Torquato. "Está faltando chão para esses políticos do ódio, porque seu espaço de poder já vem sendo ocupado por uma elite política mais nova e racional."

Quem está sentindo isso na pele é Jader. Depois de ter sido governador, ministro, senador e presidente do Congresso, ele amarga uma terceira colocação na briga pelo Senado. À sua frente estão Ana Júlia (PT) e o

governador Almir Gabriel (PSDB). Por isso, já está sendo costurada uma aliança branca com os tucanos. Almir deve desistir do Senado. Em troca, o PMDB não lança ninguém ao governo, deixando caminho livre para o candidato do governador, Simão Jatene.

Com tantas dificuldades, a opção pelo governo ficou remota. O candidato peemedebista, se houver, deve ser o ex-governador Hélio Gueiros, um velho adversário, que foi para o PFL em 1994 depois de brigar com

Jader. Hoje, porém, de volta ao PMDB, Gueiros defende o ex-desafeto. "O Jader terá uma volta triunfal ao Senado e muita gente vai ter de engoli-lo."

Apuros – Outro em apuros é Collor, que deve trocar o governo pelo Senado. Embora lidere as duas pesquisas de opinião, ele está isolado e não conseguiu formar uma coalizão forte. Contra ele, o governador Ronaldo Lessa (PSB), candidato à reeleição, já formou uma aliança branca que inclui os senadores Teotônio Vilela Filho (PSDB) e Renan Calheiros (PMDB).

De São Paulo, Collor negocia com o PTB e PDT de Alagoas e promete um efeito surpresa a partir do próximo dia 10, quando desembarca de vez em Maceió. Pelo que se viu até agora, caso chegue ao Congresso, o senador Collor imitará o presidente Collor: um político solitário, imprevisível e, por isso mesmo, perigoso.

Nem tão sozinha, mas também ameaçadora, Roseana Sarney continua favorita para o Senado no Maranhão. Numa pesquisa recente, ela lidera com 41% das intenções, contra 25% de Epitácio Cafeteira (PDT) e 11% de Edison Lobão (PFL).

Temperamental e com forte influência na bancada do Estado, Roseana vai para o Senado com o firme propósito de dar a volta por cima e disputar a Presidência em 2006. Se o preço for se trans-

formar numa liderança de oposição, o próximo presidente já pode se preparar. Embora alguns duvidem disso. "Pela primeira vez, os Sarneys seriam oposição e não sei se iriam gostar", ironiza Cafeteira. (Colaboraram Andréia Viana, Biaggio Talento, Carlos Mendes e Ricardo Rodrigues)

JADER TENTA ALIANÇA BRANCA COM PSDB